**CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO FAUNÍSTICO DOS HESPERIIDAE AMERICANOS.
VI NOTA SUPLEMENTAR ÀS ESPÉCIES DE HESPERIINAE DO
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL (LEPIDOPTERA)***
**CONTRIBUTION TO THE FAUNISTIC STUDY OF THE AMERICAN HESPERIIDAE.
VI SUPPLEMENTARY NOTE TO THE SPECIES OF HESPERIINAE
OF RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL (LEPIDOPTERA)***

OLAF H. H. MIELKE**

RECEBIDO EM 09/01/79

APROVADO EM 01/02/79

INTRODUÇÃO

Recentemente publiquei uma nota suplementar (7) sobre os Pyrrhopyginae e Pyrginae ao nosso trabalho (2) sobre os HesperIIDae do Rio Grande do Sul, ficando a terceira subfamília neotropical — HesperIIDae para outra ocasião, que agora chegou.

São aqui mencionados mais espécies novas, ou como registros para o estado ou também para a ciência, além de novas combinações e sinônimos.

MATERIAL E MÉTODOS

Os exemplares aqui estudados pertencem às seguintes coleções, com as suas respectivas abreviaturas: British Museum (Natural History), Londres, Inglaterra (BMNH); Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná (DZ); Heinz Ebert, particular, Rio Claro, São Paulo (HE); Olaf Mielke depositada no mesmo Departamento de Zoologia (OM); Zoologische Sammlung des bayrischen Staates, Munique, Alemanha (ZS).

O material quando não mencionado de modo completo, provém das seguintes localidades, indicadas no texto pelo primeiro nome e está depositado na coleção do Departamento de Zoologia (DZ):

* Contribuição n.º 422 do Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Caixa postal 3034, 80.000 Curitiba, Paraná. Com auxílio do CNPq.

** Professor Assistente do Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do CNPq.

- 1 — 27-II-1973 Arroio Tiririca, Bom Jesus, 1000 m, Mielke leg. Área de campo natural, incluindo o arroio e um pequeno banhado na estrada entre Vacaria e Bom Jesus.
- 2 — 27-II-1973 Bela Vista, Vacaria, 950 m, Mielke leg. Área de campo natural e um pequeno bosque, na beira da estrada de Lajes a Vacaria (BR 116).
- 3 — 28-II-1973 Vacaria, 900 m, Mielke leg. Área de campo natural na beira da estrada (BR 116).
- 4 — 28-II-1973 Caxias do Sul, 900 m, Mielke leg. Pequena mata na beira da estrada (BR 116), nas proximidades da fábrica Eberle.
- 5 — 7-II-1976 Erechim, Mielke & Buzzi leg. Pequena mata nas proximidades da cidade.
- 6 — 8-II-1976 Passo Fundo, 640 m, Mielke & Buzzi leg. Pequena mata no noviciado Irmãos Maristas.
- 7 — 9-II-1976 Colonia Medeiros, Juruá, Mielke & Buzzi leg. Pequeno campo natural dentro de plantações de soja.
- 8 — 9-II-1976 Machado, Tucunduva, 400 m, Mielke & Buzzi leg. Pequena mata, circundada por plantações de soja.
- 9 — 10-II-1976 Cerrito, Santa Maria, 200 m, Mielke & Buzzi leg. Pequena elevação com mata primária dentro do colégio dos Irmãos Maristas.
- 10 — 11-II-1976 Candelaria, 160 m, Mielke & Buzzi leg. Área de mata.
- 11 — 12-II-1976 Bom Jesus, 1050 m, Mielke & Buzzi leg. Área de campo natural, cortado por um riacho, pouco antes da cidade, vindo pela estrada de Vacaria.

O método de estudo e apresentação é o mesmo do nosso primeiro trabalho (2).

RESULTADOS

Hesperiinae Latreille, 1809

Heteropterini Aurivillius, 1925

- **Dardarina aspila** Mielke, 1966. 2 fêmeas 25-I-1973 Gramado (HE).
- **Dardarina gaucha** sp. n.
Figs. 1 — 4, 34, 35, 43 — 46

Macho: Comprimento da asa anterior 9 a 9,5 mm; margem externa 6 a 6,3 mm; margem interna 7,5 a 7,8 mm; largura máxima 5,5 a 5,8 mm.

Coloração geral castanho escuro.

Antena com a haste ventralmente provida de escamas amareladas na base de cada artícuo e internamente de toda massa terminal. Fronte, vértice, colar, patágias, tégulas, tórax, palpos e abdome, os dois últimos só dorsalmente, com escamas amareladas, longas e isoladas. Palpos ventralmente e genas branco-amareladas com longas escamas isoladas da coloração geral. Abdome ventralmente com os esternos e partes látero-ventrais dos tergos amarelados no centro, mais acentuado na metade distal. Pernas amareladas com exceção dos fêmures meso e metatorácicos da coloração geral.

Face dorsal da asa anterior com desenhos muito apagados constituídos de algumas escamas difusas a maneira de manchas nos espaços 4-5 e 6-8 e duas celulares superpostas. Linha marginal pouco evidenciada e franjas castanho-acinzentadas.

Face dorsal da asa posterior com manchas semelhantes a da mesma face do asa anterior nos espaços 4-5 e uma linha mais clara indicando o fim da célula. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Face ventral da asa anterior com a costa nos espaços 8-12, uma linha indicando o fim da célula e uma série de manchas pequenas marginais nos espaços 1b (duas superpostas) — 7 amarelas. Manchas pequenas brancas nos espaços 1b, 2 (diminuta) (discais), 4-5 (sub-marginais) e 6-8 (apicais), assim como a margem interna no espaço 1a. Linha marginal escura e franjas ocráceas.

Face ventral da asa posterior ocrácea, com exceção do espaço 1b e com uma série de manchas pequenas amareladas e outras maiores brancas; as amareladas constituindo duas séries paralelas; uma discal nos espaços 1c (duas), 2, 3, 6 e 7 e uma marginal nos espaços 1b, 1c (duas) — 7, e ainda isoladas na base do espaço 2 e parte adjacente de 1c, juntas às discocelulares nos espaços 4-5 e uma no ângulo umeral no espaço 8; as brancas nos espaços 1c, 7 e fim da célula, as três maiores e em linha, e ainda outras na base do espaço 1c e 7 (esta um tanto amarelada), duas discais unidas nos espaços 4-5 e uma diminuta no terço basal do espaço 6. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Genitália (figs. 1-4): Tegumen e unco parte dorsal uniforme.

mente recurvado; unco bífido e gnato em vista ventral cordiforme; edéago longo e fino; valva com a harpe e a ampulla de igual tamanho, sendo a harpe levemente dobrada para cima, encaixando-se em pequena porção da ampulla.

Fêmea: Comprimento da asa anterior 10 mm; margem externa 6 mm; margem interna 7,5 mm; largura máxima 5 mm.

Semelhante ao macho, porém um pouco maior e com as asas mais alongadas. Face ventral das asas com os desenhos amarelos um pouco mais vivos. Haste antenal com amarelo na parte ventral de todo artículo.

Genitália (figs. 34, 35): Parte basal do ducto da bolsa quitinosa e com uma estrutura bastante complicada. Placa pós-vaginal em forma de U invertido com as pontas na parte proximal largamente dobradas para baixo, dando lugar entre estas dobras ao óstio. Bolsa copuladora dupla e sem estruturas quitinosas.

Discussão taxonômica: É uma espécie bastante diferente de todas as outras conhecidas pelos seus desenhos da face ventral das asas e pela genitália.

Etologia: Os exemplares foram coletados num pequeno banhado ao lado da estrada de rodagem entre Vacaria e Bom Jesus, exatamente onde o Arroio Tiririca cruza esta estrada.

Distribuição geográfica: Rio Grande do Sul — Bom Jesus.

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: / Holótipo/Arroio Tiririca, Bom Jesus, RS, 27-II-1973, 1000 m, Mielke leg. / **Dardarina gaucha** Mielke, Holótipo, O. Mielke det. 1977/DZ1483/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Alótipo/Arroio Tiririca, Bom Jesus, RS, 27-II-1973, 1000 m, Mielke leg. / **Dardarina gaucha** Mielke, Alótipo, O. Mielke det. 1977/DZ1484/.

Parátipos: 2 machos e 2 fêmeas com os mesmos dados, DZ 1470, 1485, 1469 e 1486.

O nome específico lembra os habitantes do Rio Grande do Sul, denominados gauchos.

Hesperini Latreille, 1809

- **Synapte silius** (Latreille, 1824). 1 macho e 1 fêmea Passo Fundo. 3 machos e 1 fêmea Cerrito.
- **Lento krexoides krexoides** (Hayward, 1940). 1 macho Passo Fun-

do. 6 machos e 1 fêmea Cerrito. 1 macho e 1 fêmea Rio Grande, ex coll. Fruhstorfer (ZS).

- **Anthopus epictetus** (Fabricius, 1973). 1 macho Passo Fundo.
- **Corticea immocerina** (Hayward, 1934). 5 machos e 1 fêmea Bela Vista. 2 fêmeas Arroio Tiririca. 1 macho Vacaria.
- **Corticea obscura** Mielke, 1969. 2 machos Bela Vista. 1 macho Caxias do Sul. 3 machos Passo Fundo.
- **Corticea noctis** (Ploetz, 1883). 2 machos e 1 fêmea Bela Vista. 1 macho Caxias do Sul.
- **Corticea corticea** (Ploetz, 1883). 1 fêmea Candelaria.
- **Vinius pulcherrimus** Hayward, 1934. 1 fêmea Colônia Medeiros.
- **Callimormus interpunctatus** (Ploetz, 1884). 1 macho e 1 fêmea Caxias do Sul. 5 machos Passo Fundo. 1 macho Cerrito.
- **Callimormus beda** (Ploetz, 1886). 2 machos e 1 fêmea Bela Vista. 1 fêmea Passo Fundo.
- **Virga riparia** Mielke, 1969. 9 machos e 10 fêmeas Bela Vista. 4 machos e 3 fêmeas Arroio Tiririca. 14 machos e 15 fêmeas Vacaria.
- **Virga austrina** (Hayward, 1934). 1 macho e 1 fêmea Machado.
- **Panca subpunctuli** (Hayward, 1934). 4 machos e 1 fêmea Arroio Tiririca. 2 machos e 4 fêmeas Bela Vista. 1 macho Bom Jesus.

Voa nos banhados entre as folhas largas de uma Gramíneae de aproximadamente 70 cm de altura. É assinalada pela primeira vez para o Brasil, onde ainda ocorre nos banhados do Rio Lavatudo, na estrada entre Lajes e São Joaquim, Santa Catarina.

- **Sodalia coler** (Schaus, 1902). 1 macho e 2 fêmeas Cerrito. 3 machos Candelaria.
- **Thargella evansi** Biezanko & Mielke, 1973. 1 fêmea Cerrito.
- **Lucida lucia lucia** (Capronnier, 1874). 1 fêmea Passo Fundo.
- **Lucida ranesus** (Schaus, 1902). 1 macho Bela Vista. 1 fêmea Caxias do Sul.
- **Vidius ochraceus** sp. n.
Figs. 5 — 8, 36, 47 — 50

Macho: Comprimento da asa anterior 10 a 10,5 mm; margem externa 7 a 7,3 mm; margem interna 7,5 a 8 mm; largura máxima 6 a 6,2 mm.

Coloração geral castanho médio, como em **Vidius fido** Evans, 1955.

Antena com a haste ventralmente provida de escamas amarelas na base de cada artícuo e internamente da massa terminal e apícuo. Fronte, vértice, colar, patáguas, tégulas e base dorsal do abdome com escamas amareladas, mais densas nas partes da cabeça. Palpos com os primeiro e segundo artícuos ventralmente providos de longas escamas amarelas e castanhas mescladas e ainda esbranquiçadas curtas. Genas branco-amareladas. Tórax e abdome ventralmente acinzentados, este com uma linha escura mediana. Coxas protorácicas acinzentadas, assim como as pernas internamente.

Face dorsal das asas sem qualquer desenho. Linha marginal levemente evidenciada e franjas acinzentadas.

Face ventral da asa anterior com a costa, ápice e margem externa ocráceas, margem interna levemente mais clara do que a área central da coloração geral. Linha marginal bem evidenciada e franjas ocráceas.

Face ventral da asa posterior uniformemente da mesma coloração do ápice da mesma face da asa anterior, com exceção do espaço 1b de um ocráceo acastanhado; veias às vezes levemente indicadas na porção distal por uma coloração um pouco mais clara. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Genitália (figs. 5-8): Difere nitidamente de **fido**, sua espécie mais próxima, pela harpe que é recurvada para cima; unco e gnato profundamente bífidos, porém quase contíguos na linha mediana e afastados um do outro.

Fêmeas: Comprimento da asa anterior 9,3 a 10,5 mm; margem externa 6,2 a 7,2 mm; margem interna 7,8 a 8,5 mm; largura máxima 5,5 a 6,5 mm.

Semelhante ao macho, porém com as asas mais arredondadas.

Genitália (fig. 36): Ducto da bolsa longo e com a bolsa chegando à base do abdome.

Discussão taxonômica: É uma espécie próxima de **Vidius fido** Evans, 1955 da qual se destingue pela ausência total de manchas discais na face ventral da asa posterior e pela coloração ocrácea na mesma face das asas.

Etologia: Os exemplares foram coletados em banhados dentro de campos naturais. Esta espécie, embora próxima de **fido**, também se destingue desta pelo tipo de habitat, porquanto **fido** frequenta os

campos elevados naturais e secos do Paraná e Santa Catarina onde não é muito rara nos meses de março, embora ainda ocorra em outubro a dezembro de modo mais escasso.

Distribuição geográfica: Paraná — Morretes (Pilão de Pedra, 850 m), Ponta Grossa; Santa Catarina — São Joaquim, Urubici, Santa Cecília, Lajes; Rio Grande do Sul — Vacaria.

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: /Holótipo/28-II-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg. / **Vidius ochraceus** Mielke, O. Mielke det. 1977 Holótipo / DZ 1487/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Alótipo / Rio Lavatudo, estr. Lajes-S. Joaquim, S. Joaquim, SC, 24-II-1973, 1000 m, Mielke leg. / **Vidius ochraceus** Mielke, O. Mielke det. 1977, Alótipo / DZ 1488/.

Parátipos: 2 machos 28-II-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg., DZ 1489 e 1490; 1 macho 1-III-1967 e 1 macho 8-III-1971 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 900 m, Mielke leg., DZ 1491 e 1492; 1 macho 12-II-1973 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Mielke & Sakakibara leg., DZ 1493; 1 macho 13-II-1976 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1494; 2 machos e 2 fêmeas 24-26-II-1973 Rio Lavatudo, estr. Lajes-S. Joaquim, S. Joaquim, SC, 1000 m, Mielke leg., DZ 1471, 1495, 1472 e 1496; 1 macho 23-II-1973 Painei, Lajes, SC, 1000 m, Mielke leg., DZ 1497; 1 fêmea 25-II-1973 Urubici, SC, 1500 m, Mielke leg., DZ 1498; 5 machos e 2 fêmeas 27-II-1973 Bela Vista, Vacaria, RGS, 950 m, Mielke leg., DZ 1499 a 1503 e BMNH (um casal).

O nome refere-se à coloração da face ventral das asas.

— **Vidius similis** sp. n.

Figs. 9 — 13, 38, 51 — 54

Vidius vidius: Evans, 1955, Cat. Amer. Hesp., 4: 122, pl. 61 (genitalia masculina), distr. geogr., sist. (part.) — Biezanko, 1963; Arq. Ent. sér. A, Hesperidae, Pelotas, p. 17, distr. geogr., ecol. — Brown & Mielke, 1967, Jour. Lep. Soc., 21: 165, distr. geogr. — Biezanko & Mielke, 1973, Acta Biol. Paranaense, 2: 81, distr. geogr., etol.

Macho: Comprimento da asa anterior 12 a 13,5 mm; margem externa 8 a 8,5 mm; margem interna 9,3 a 10 mm; largura máxima 6,3 a 6,9 mm.

Coloração geral castanho anegado.

Antena amarelada na parte ventral da haste, com exceção da junção dos artículos, e da massa terminal, assim como internamente do apículo. Fronte, vértice, colar e patágias com escassas escamas amareladas em exemplares novos. Palpo com o primeiro e segundo artículos com mescla de aproximadamente igual número de escamas escuras e amareladas. Genas castanho claras, algo acinzentadas (nos exemplares de Brasília são cinza-esbranquiçadas). Pernas com os fêmures e tíbias internamente e os tarsos totalmente de um castanho acinzentado. Abdome ventralmente castanho acinzentado.

Face dorsal da asa anterior com indicações de manchas um pouco mais claras que a coloração geral nos espaços 1b (na metade inferior do espaço e sobre a veia 1 — às vezes ausente), 2, 3, 4-5 (estas duas deslocadas para a margem externa) e 6 a 7 ou 8 (apicais). Linha marginal pouco evidenciada e franjas da mesma tonalidade das manchas ou um pouco mais claras, às vezes da coloração geral na terminação das veias.

Face dorsal da asa posterior às vezes com a área discal um pouco mais clara, indicada por manchas extremamente difusas e semelhantes às da mesma face da asa anterior nos espaços 1c ou 2 a 5. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Face ventral da asa anterior com a área marginal interna, nos espaços 1a e parte distal de 1b, de um castanho acinzentado escuro, porém um pouco mais claro do que a coloração geral presente na quase totalidade. As manchas da face dorsal se repetem, porém um pouco mais nítidas, sendo que a do espaço 1b alcança a veia 2, sob a mancha aproximadamente quadrada do espaço 2; as manchas dos espaços 4-5 e 6-8 e ainda duas alongadas e contíguas nos espaços 10 e 11 levemente de um cinza violáceo (às vezes ainda uma indicada na parte distal do espaço 10 e duas superpostas dentro da célula, abaixo das manchas contíguas dos espaços 10 e 11), assim como é a margem externa nos espaços 2 a 7, de tal modo que as manchas dos espaços 4 e 5 são englobadas nesta coloração. Linha marginal externa anegrada. Franjas de um castanho acinzentado e com as terminações das veias ligeiramente escurecidas.

Face ventral da asa posterior com a margem anal até a metade do espaço 1c como a margem interna da mesma face da asa anterior. Uma faixa mais escura do que a coloração geral e sobre um fundo de um castanho levemente acinzentado, de largura variável, entre o centro da veia 1b até o ápice no espaço 7, tocando as discocelulares, com um ramo que parte da mancha do espaço 5, atravessando a base

do espaço 6 e o ângulo superior e distal da célula até o centro do espaço 7, tocando a veia 8 onde se confunde com a igual coloração de todo o espaço 8. Margem externa, de um cinza-violáceo. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Genitália (figs. 9-13): Unco e gnato largamento bífidos com as projeções distalmente alongadas e finas; valva com uma leve concavidade na sua porção ventro-distal; edéago terminando de modo bífido e sem lóbulo acessório no processo esquerdo, e vesica com dois cornutos pequenos.

Fêmea: Comprimento da asa anterior 12,6 a 14,4 mm; margem externa 8 a 8,6 mm; margem interna 9,6 a 10,6 mm; largura máxima 6,6 e 8 mm.

Semelhante ao macho, porém maior e as asas anteriores um pouco mais arredondadas. As manchas da face ventral da asa anterior um pouco mais difusas e às vezes todas disciais e apicais (espaços 1b a 8) interligadas. Na face ventral da asa posterior a faixa bifurcada contrasta mais com a coloração de fundo por ser esta mais clara e de tal modo que a área marginal externa, de um cinza-violáceo, não contrasta tanto.

Genitália (fig. 38): Região do óstio com a lamela ante vaginal alongada transversalmente e com uma reentrância mediana e posterior; lamela pós-vaginal alongada no sentido longitudinal e com dois processos látero-posteriores virados para frente; início do ducto da bolsa largo e com áreas esclerosadas irregulares ventrais e dorsais; ducto da bolsa com estrias esclerosadas e com bolsa com um formato semitriangular.

Discussão taxonômica: É uma espécie bem próxima de **Vidius vidius** (Mabille, 1891) onde há mais detalhes (vide a seguir). Na citação de Evans, seg. Vane-Wright (*l. litt.*), o exemplar macho de Sapucay (Paraguay), um dos machos de Castro (Paraná) e as fêmeas pertencem a esta espécie.

Distribuição geográfica: Brasil — Espírito Santo (Santa Teresa); Distrito Federal (Brasília); Minas Gerais (Conceição da Aparecida, Poços de Caldas); Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m, Curitiba, Ponta Grossa — Vila Velha, Quatro Barras, Colombo, Imbituva, Guaraçuava, Palmas); Santa Catarina (São Bento do Sul, Curitibaanos, Santa Cecília); Rio Grande do Sul (Bom Jesus, Pelotas). Uruguai — Paysandu.

Etologia: Os machos desta espécie são comuns e gostam de defender o seu território sobre pequenos riachos dentro dos campos

naturais onde pousam sobre hastes de gramíneas que por sua vez estão curvadas sobre o riacho ou então frequentam as flores nos mesmos campos, como as fêmeas.

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: /Holótipo/12-II-1976 Bom Jesus, RGS, 1050 m, Mielke & Buzzi leg. / **Vidius similis** Mielke, O. Mielke det. 1978, Holótipo / DZ 1525/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: /Alótipo / Nova Teutonia, Seara, SC, 450 — 700 m, XII-1970 F. Plaumann leg. / **Vidius similis** Mielke, O. Mielke det. 1978, Alótipo / DZ 1445/.

Parátipos: 2 machos 5-IV-1967 Santa Teresa, ES., C. & C. T. Elias leg., DZ 1637 e 1638; 1 macho 21-II-1966 Jardim Zoológico, Brasília, DF, Mielke leg., OM 9094; 1 macho 17-VI-1972, 2 machos 18-VI-1972 Parque do Gama, Brasília, DF, 1000 m, Mielke & Brown leg., DZ 1639 a 1641; 1 fêmea 13-I-1960 Conceição da Aparecida, MG, Mielke leg., OM 3100; 1 macho e 1 fêmea 28-II-1965, 2 machos e 1 fêmea 31-III-1965 Morro do Ferro, Poços de Caldas, MG, OM 6785, 6784, 6788, 6786 e 6787; 1 fêmea 3-II-1966 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, Mielke leg., OM 10.322; 1 fêmea 1-III-1967, 1 fêmea 6-II-1968, 1 macho 2-III-1974 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 1000 m, Mielke leg., DZ 1642 a 1644; 1 fêmea 2-III-1967 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 1000 m, Mielke & Tangerini leg., DZ 1645; 2 machos 21-IV-1967, 1 macho 3-IV-1967 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 1000 m, DZ 1646 a 1648 / 3 machos 1-IV-1967 Curitiba, PR, O — E. Mielke leg., DZ 1649 a 1651; 1 macho 11-1971 Curitiba, PR, 900 m, Mielke leg., BMNH; 1 macho 5-II-1966 Quatro Barras, PR, Mielke leg., OM 10.111; 2 machos 16-I-1971 Colombo, PR, 900 m, Lauterjung leg., DZ 1652, 1653; 1 macho 9-II-1977, 1 macho e 2 fêmeas 15-II-1977, 1 fêmea 28-II-1977, 1 macho e 1 fêmea 2-IV-1978 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg., DZ 1654 a 1656, 1506, 1657 e BMNH (um casal de 2-IV); 1 macho 3-IV-1971 Imbituva, PR, Moure & Mielke leg., DZ 1658; 1 macho 30-III-1971, 2 machos 28-I-1972 Guarapuava, PR, 1000 m, Mielke & Schneider leg., DZ 1659 a 1661; 1 macho 11-1972 Guarapuava, PR, 1000 m, Schneider leg., DZ 1661; 2 machos 6-II-1976 Palmas, PR, 1100 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1663 e 1664; 1 macho 2-II-1973 Rio Vermelho, São Bento do Sul, SC, 850 m, Rank leg., DZ 1665; 1 macho 12-II-1973 Mijolinho, Ponte Alta do Norte, Curitiba, SC, 860 m, Mielke & Sakakibara leg., DZ 1666; 1 macho 27-II-1968 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Moure & Mielke leg., DZ 399; 2 machos e 1 fêmea 22-II-1973 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Mielke leg., DZ 1667 a 1669; 1 fêmea 27-II-1973 Arroio Tiririca, Bom Jesus, RGS, 1000 m, Mielke leg., DZ 1670; 1

fêmea 18.I-1963, 1 macho 21-IV-1967 Pelotas, RGS, Biezanko leg., DZ 1671 e 1672; 1 fêmea 9-III-1970 Pelotas, RGS, C. Nunes leg., DZ 1673; 1 macho 11-1942 Paysandu, Uruguay / DZ 1674.

O nome é devido a sua semelhança com **Vidius vidius** (Mabille, 1891).

— **Vidius vidius** (Mabille, 1891)

Figs. 14 — 18, 39, 55 — 58

Narga vidius Mabille, 1891, Ann. Soc. ent. Belgique, 35, CR., p. LXX, macho — San Paolo, Rio Grande do Sul.

Celaenorrhinus vidius; Draudt, 1922, in Seitz, Macrolep. World, 5, p. 886, sist., distr. geogr.

Vidius vidius; Evans, 1955, Cat. Amer. Hesp., 4: 122, sist., distr. geogr. (**part.**).

A determinação desta espécie sempre ofereceu dificuldades por estar confundida com **Vidius similis** sp. n., acima descrita.

O Dr. R. I. Vane — Wright do British Museum (Nat. Hist.), onde está o material tipo desta espécie, forneceu os seguintes dados: Existem dois sítipos, ambos etiquetados "**Narga vidius**" por Mabille, um do Rio Grande do Sul e sem abdome e o outro sem procedência e um fragmento. O segundo exemplar talvez seja o exemplar mencionado por Mabille como procedente de "San Paolo".

Por comparação com exemplares enviados, o Dr. R. I. Vane-Wright chegou a conclusão que os dois sítipos pertencem a duas espécies. Selecciono o sítipo macho do Rio Grande do Sul como LECTÓTIPO, devendo o outro sítipo passar para **Vidius similis** sp. n. No lectótipo serão colocadas as seguintes etiquetas: / **Lectotypus** / e / **Lectotypus Narga vidius** Mabille, 1891, O. Mielke det. 1978/.

Pode ser separada pelos seguintes caracteres.

Macho: Comprimento da asa anterior 10,4 a 12 mm; margem externa 6,7 a 7,7 mm; margem interna 8 a 9 mm; largura máxima 5,6 a 6,4 mm. É menor, pois os exemplares com as mesmas medidas de comprimento alar são raros, isto é, em **similis** os pequenos e em **vidius** os grandes.

Na face ventral das asas a coloração é de um castanho escuro, porém não anegrado, e na asa posterior a faixa entre os espaços 1c e o ápice geralmente (76%) não está ligada à mancha do centro do espaço 7, isto é, a base do espaço 6 não é escurecida.

Genitália (figs. 14 - 18): Unco e gnato bifidos, porém com as

projeções mais curtas e grossas; valva reta em sua porção ventro-distal; edéago terminando de modo bifido e com um lóbulo acessório no processo esquerdo, recurvando para dentro quando a vesica, com um só cornuto, está recolhida.

Fêmea: Comprimento da asa anterior 10 a 11,8 mm; margem externa 6,4 a 7,3 mm; margem interna 8,5 a 8,9 mm; largura máxima 5,8 a 6,2 mm. Difere ligeiramente do macho pela margem externa mais convexa e na face ventral da asa posterior a mancha do centro do espaço 7 está ligada à faixa em 71% dos exemplares enquanto que em 29% não está ligada.

Genitália (fig. 39): Região do óstio com a lamela ante-vaginal ovalada transversalmente e sem reentrância no bordo posterior; lamela pós-vaginal triangular com um lóbulo arredondado no vértice e um processo rombudo na parte mediana da base (proximal); início do ducto largo e com áreas esclerosadas na sua parte ventral; ducto da bolsa também com estrias e a bolsa com uma seção circular.

Etologia: Os machos e as fêmeas voam em bandos dentro de campos naturais, onde frequentam as flores. Nunca a vi com o mesmo comportamento da espécie anterior e nem mesmo voando junto no mesmo micro-habitat.

Discussão taxonômica: É uma espécie muito semelhante a anterior da qual se distingue rapidamente pela sua coloração castanha na face ventral das asas, não anegrida como em *similis*, pelo seu tamanho geralmente menor e às vezes pela face ventral da asa posterior quando a mancha do centro do espaço 7 está separada da faixa central entre o espaço 1c e o ápice, além das genitálias do macho e da fêmea.

Distribuição geográfica: Brasil — Minas Gerais (Serra do Cipó); Distrito Federal (Brasília); São Paulo (Batatais, Capão Bonito); Paraná (Quatro Barras, Curitiba, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, Guaraçuava, Rio Negro); Santa Catarina (Santa Cecília, Lajes, São Joaquim); Rio Grande do Sul (Bom Jesus, Vacaria).

Materia! estudado: 1 macho 7-XI-1973 Serra do Cipó, 123 km N de Belo Horizonte, MG, 1200 m, Moure & Mielke leg., DZ 1678; 1 macho 20-VI-1972 Parque do Gama, Brasília, DF, 1000 m, Mielke & Brown leg., DZ 1679; 1 fêmea 24-I-1974 Capão Bonito, SP, Moure leg., DZ 1680; 1 macho 21-IX-1977 Batatais, SP, Moure & Sakakibara leg., DZ 1474; 1 macho 5-II-1966 Quatro Barras, PR, Mielke leg., OM 10.112; 1 macho 14-III-1972 e 1 macho 13-II-1975 Curitiba, PR,

900 m, Mielke leg., DZ 1691 e 1682; 1 macho 1-III-1967 e 2 machos 14.X-1967 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 1000 m, Mielke leg., DZ 1683 a 1685; 2 machos e 3 fêmeas 2-III-1967 Vila Velha, Ponta Grossa, PR, 1000 m, Mielke & Tangerini leg., DZ 181 e 1686 a 1689; 5 machos e 4 fêmeas 26-I-1972 Castro, PR, 1000 m, Mielke & Tangerini leg., DZ 1690 a 1698; 1 macho 17-XI-1976 Jaguariaíva, PR, Mielke & Buzzi leg., DZ 1699; 1 fêmea 3-II-1976 9 km N de Guarapuava, PR, 1200 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1700; 1 fêmea 28-I-1972 Guarapuava, PR, 1000 m, Mielke & Schneider leg., DZ 1505; 2 machos e 2 fêmeas 20-II-1972 Guarapuava, PR, 1000 m, Schneider leg., DZ 1701 a 1704; 2 machos 6-II-1976 Palmas, PR, 1100 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1705 e 1706; 1 fêmea 25-II-1968 Rio Negro, PR, 800 m, Moure & Mielke leg., DZ 1707; 2 machos e 1 fêmea 23-II-1973 São Joaquim, SC, 1400 m, Mielke leg., DZ 1708 a 1710; 1 macho 6-XII-1970 Otacílio Costa, Lajes, SC, M. Lauterjung leg., DZ 1622; 4 machos e 3 fêmeas 26-II-1968 Santa Cecília, SC, 1200 m, Moure & Mielke leg., DZ 1711 a 1717; 1 macho 27-II-1968 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Moure & Mielke leg., DZ 1565; 1 fêmea 13-II-1976 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1623; 6 machos e 1 fêmea 26-II-1973 Rio Lavatudo, estr. Lajes-São Joaquim, São Joaquim, SC, 1000 m, Mielke leg., DZ 1718 a 1724; 2 machos e 1 fêmea 13-II-1973 Parque Pedras Brancas, Lajes, SC, 920 m, Mielke & Sakakibara leg., DZ 1725 a 1727, 1 fêmea 12-II-1976 Bom Jesus, RGS, 1050 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1728; 10 machos e 4 fêmeas 27-II-1973 Bela Vista, Vacaria, RGS, 950 m, Mielke leg., DZ 1729 a 1740 e BMNH (um casal).

Igapophilus gen. n.

Tipo do gênero: **Igapophilus rufus** sp. n.

Antena (medida da base até a curvatura para o apículo) igual à metade da costa; massa terminal igual a $1/3$ da antena (sem apículo); nudo de 12 artícu-los (incluindo o último artícu-los do apículo), porém às vezes inicia-se no meio do artícu-los anterior, de maneira que pode-se contar 13 artícu-los, sendo que os artícu-los da massa são em menor número que os do apículo (fig. 19)*. Sem caracteres sexuais secundários. Palpo com o terceiro artícu-los igual a $1/4$ do comprimento do segundo, cônico, de ponta rombuda e projetado para frente do olho por uma distância igual ao diâmetro deste. Olhos avermelhados. Tíbias mesotorácicas com espinhos longos, isto é, $1/3$

* Embora Evans (1955) distingua com muita frequência o número de artícu-los nús da massa terminal e do apícu-los antenais, não me foi possível afirmar, com precisão de artícu-los, onde termina a massa e onde começa o apícu-los.

mais longos que o diâmetro da tíbia e com um par de esporões. Tíbias metatorácicas com espinhos entre os dois pares de esporões. Venação como na fig. 25. Margem externa da asa anterior reta entre as veias 2 a 7 no macho e levemente convexa na fêmea e na asa posterior reta entre as veias 2 e 6 no macho e levemente convexa na fêmea. Célula da asa posterior menor do que a metade da asa. Genitália masculina (figs. 20 - 23)) com o unco e gnato profundamente divididos e distanciados entre si. Tegumen com uma projeção mediana posterior ultrapassando ligeiramente a bifurcação do unco; projeção anterior do saco curta (igual ao tegumen sem a projeção posterior); juxta em forma de U; edéago simples e sem cornuto na vesícula; harpe e ampula de igual tamanho e a harpe dobrada dorsalmente, encobrindo porção da ampula; genitália feminina (fig. 24) com o óstio englobado em uma estrutura em forma de U e com a lamela pós-vaginal simples entre as duas pontas; bolsa copuladora sem signo e ducto da bolsa muito curto e de porção inicial esclerosada.

Discussão taxonômica: Pela sua estrutura genital masculina, principalmente quanto às divisões do unco e gnato pertence ao grupo de **Cymaenes**, **Vehilius**, **Vidius** e **Nastra**, porém difere destes pelos olhos avermelhados, asas anteriores muito pontudas devido às margens externas retas, antena com distribuição diferente dos artículos providos como nudo e pelo ducto da bolsa copuladora extremamente curto.

O nome vem de igapó — do tupi, significando mata cheia d'água e filos — do grego.

— **Igapophilus rufus** sp. n.

Figs. 19 — 25, 59 — 63

Pompeius postpuncta; Evans 1955, Cat. Amer. Hesp., 4:336 (part., fêmea).

A fêmea do Uruguai, mencionada por Evans, pertence a esta espécie.

Macho: Comprimento da asa anterior 11,7 a 13,7 mm; margem externa 7,5 a 9,5 mm; margem interna 8 a 9,5 mm; largura máxima 6,2 a 7,5 mm.

Coloração geral castanho médio.

Antena com amarelado na parte ventral da haste, mais intenso na base de cada artículo, na metade basal da massa terminal, e dorsalmente com escamas escassas da mesma coloração na base de artículo. Genas amareladas. Palpo com o primeiro e segundo artículos amarelo-acinzentados proveniente de mescla de escamas brancas,

amarelas e algumas castanhas; terceiro artculo com escamas amareladas ventralmente. Fronte, vrtice, colar, patgias e tgulas com escamas ferrugneas escassas. Trax e abdome ventralmente esbranquiados, sendo a parte terminal do abdome ferrugnea. Tufo anal dorsalmente de um ferrugneo-esbranquiado. Pernas acinzentadas, com as tbias e tarsos externamente castanho-ferrugneos.

Face dorsal da asa anterior com manchas muito difusas, amarelas e discais nos espaos 2 e 3 e apicais nos espaos 6 e 7; dois teros distais da costa com escamas escassas ocrceas e o tero basal ferrugneo; todos estes desenhos podem estar ausentes, porm geralmente permanecem os indcios das manchas discais. Linha marginal pouco evidenciada e franas acinzentadas.

Face dorsal da asa posterior com manchas discais alongadas da mesma colorao das da asa anterior nos espaos 3-6, que no entanto podem estar ausentes ou reduzidas. reas costal e anal mais escuras que o restante da asa. Linha marginal e franas como na mesma face da asa anterior.

Face ventral da asa anterior com a costa, pice e margem externa largamente ferrugneas, atravessados pelas veias um tanto mais claras. rea marginal interna e trno cinzentos com uma mancha pequena de escamas difusas e acinzentadas no espao 1b (esta podendo estar ausente). Linha marginal escura e franas concolores.

Face ventral da asa posterior inteiramente como o pice da mesma face da asa anterior, com exceo do espao 1b e tero adjacente de 1c, como a margem interna da mesma face da asa anterior, porm com salpicado de escamas amareladas. Linha marginal nos espaos 2 a 6 e franas como na mesma face da asa anterior.

Fmea: Comprimento da asa anterior 13,8 a 15,5 mm; margem externa 8,3 a 10,2 mm; margem interna 9,6 a 11,2 mm; largura mxima 7 a 8,2 mm.

Semelhante ao macho, porm com as asas mais arredondadas.

Etologia: Os exemplares foram coletados em banhados dos campos naturais entre gramneas de folhas largas de aproximadamente 70 cm de altura.

Distribuio geogrfica: Brasil — Minas Gerais (Poos de Caldas); Paran (Quatro Barras, Colombo, Curitiba, Morretes — Pilo de Pedra, 850 m); Santa Catarina (So Joaquim, Santa Ceclia, So Bento do Sul); Rio Grande do Sul (Bom Jesus). Argentina — Tan-

dil; Cordoba.

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: / Holótipo / Rio Lavatudo, estr. Lajes - São Joaquim, S. Joaquim, SC, 24-II-1973, 1000 m, Mielke leg. / **Igapophilus rufus** Mielke, O. Mielke det. 1977, Holótipo / DZ 1559/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Alótipo / Rio Lavatudo, estr. Lajes - São Joaquim, São Joaquim, SC, 26-II-1973, 1000 m, Mielke leg. / **Igapophilus rufus** Mielke, O. Mielke det. 1977, Alótipo / DZ 1550/.

Parátipos: 2 machos e 1 fêmea 31-III-1965 Morro do Ferro, Poços de Caldas, Mielke leg., OM 6777, 6778 e 6776; 1 macho 18-II-1969 Quatro Barras, PR, Laroca leg., DZ 1478; 1 macho 3-XII-1970 Colombo, PR, 900 m, Mielke leg., DZ 1526; 1 fêmea 5-IV-1974 Curitiba, PR, 900 m, Mielke leg., DZ 1527; 1 macho e 2 fêmeas 5-II-1969, 1 macho e 1 fêmea 9-II-1977; 3 fêmeas 15-II-1977, 1 macho 28-III-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg., DZ 1528 a 1536; 1 macho 11-IV-1971 Mato Preto, São Bento do Sul, SC, Mielke leg., DZ 1537; 1 fêmea 11-IV-1973 Rio Vermelho, São Bento do Sul, SC, 850 m, Rank leg., DZ 1538; 1 macho 22-II-1973 Campo Alto, Santa Cecília, SC, 1200 m, Mielke leg., DZ 1539; 3 machos e 1 fêmea 23-II-1973, 5 machos e 1 fêmea 24-II-1973, 8 machos e 4 fêmeas 26-II-1973 Rio Lavatudo, estr. Lajes-São Joaquim, São Joaquim, SC, 1000 m, Mielke leg., DZ 1552 a 1558, 1540 a 1549, 1508 a 1551 e BMNH (2 machos e 1 fêmea de 24-II); 1 macho 12-II-1976 Bom Jesus, RGS, 1050 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1560; 1 fêmea XIII-1970 Tandil, Buenos Aires, Argentina, Llano leg., DZ 1523; 1 fêmea II-1962 Cordoba, Argentina, C. Paz leg., DZ 1524.

O nome é devido à coloração da face ventral das asas.

- **Nastra lurida** (Herrich-Schaeffer, 1869). 2 machos Bela Vista. 3 machos Caxias do Sul. 1 macho e 2 fêmeas Passo Fundo. 2 machos Bom Jesus.
- **Cymaenes tripunctata** (Latreille, 1824). 1 macho Machado.
- **Cymaenes gisca** Evans, 1955. 1 macho Cerrito.
- **Cymaenes cavalla** Evans, 1955. 1 fêmea Machado. 1 fêmea Candelária.
- **Cymaenes odilia odilia** (Burmeister, 1878). 1 macho Bela Vista.
- **Cymaenes perlroides** (Plötz, 1882). 6 machos Cerrito. 1 fêmea Passo Fundo.

— **Cymaenes campestris** sp. n.

Figs. 26 — 29, 40, 64 — 67

Macho: Comprimento da asa anterior 11 a 13 mm; margem externa 7,6 a 8,5 mm; margem interna 8,5 a 9,2 mm; largura máxima 6,5 e 7 mm.

Coloração geral como nas demais espécies do gênero, isto é, castanho médio.

Antenas com a haste ventralmente esbranquiçada na base de cada artículo e nos 3/4 basais da massa terminal e internamente no apículo. Fronte, vértice, colar, patágias e tégulas com escamas escassas ocráceas. Palpo ventralmente acinzentado, com escamas isoladas da coloração geral e esbranquiçadas junto aos olhos. Tórax e abdome ventralmente e coxas protorácicas acinzentados, demais artículos das pernas castanho acinzentados.

Face dorsal da asa anterior com manchas amareladas, opacas, pequenas e difusas nos espaços 2-4 e 6-8 e às vezes ainda duas superpostas na célula. Linha marginal pouco evidenciada e franjas acinzentadas.

Face dorsal da asa posterior sem desenhos. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Face ventral da asa anterior com o tórno levemente mais claro que a parte basal de coloração geral; margem externa, entre o ápice e o espaço 2 levemente violácea. Manchas da face dorsal se repetem de modo amarelo-acinzentado, pequenas, difusas e decrescentes em tamanho nos espaços 2-5 e 6-8, sendo as dos espaços 4 e 5 deslocadas para a margem externa, entre as manchas apicais e a margem externa, e às vezes duas superpostas na célula. Linha marginal negra e franjas como na face dorsal.

Face ventral da asa posterior levemente violácea, mais acentuado na margem externa, com exceção do espaço 1b e metade adjacente de 1c e manchas disciais levemente mais claras, estas pouco evidenciadas e bordadas suavemente nos seus limites interno e externo pela coloração geral, interligadas, entre a metade superior do espaço 1c ao 7 e mais uma similar na base do espaço 7, como em **C. tripunctus theogenis** (Capronnier, 1874). Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Genitália (figs. 26 — 29): Unco e gnato profundamente divididos, porém as projeções homólogas unidas até quase a extremidade

distal. Valva típica do gênero, com a margem ventral da harpe dobrada para cima em ângulo quase reto.

Fêmea: Comprimento da asa anterior 12,5 a 13,5 mm; margem externa 8 a 8,5 mm; margem interna 9 a 10 mm; largura máxima 6,7 e 7 mm.

Semelhante ao macho, porém um pouco maior e com as asas mais arredondadas; antena com a haste inteiramente esbranquiçada internamente; franjas na face ventral levemente escurecidas no término das veias.

Genitália (fig. 40): Bolsa copuladora ocupando todo o comprimento do abdome, ducto com a sua metade basal reta e esclerosada, com uma volta no meio e a metade distal com pequenos pontos esclerosados nos dois lados.

Discussão taxonômica: Pela presença de manchas nos espaços 4 e 5 na face ventral da asa anterior está próxima a *C. uruba* (Plötz, 1886) e *C. warreni* (Weeks, 1901), das quais se distingue imediatamente pela coloração violácea com as manchas disciais pouco evidenciadas na face ventral da asa posterior.

Etologia: É uma espécie que ocorre na proximidade de banhados dentro dos campos naturais elevados do leste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Distribuição geográfica: Brasil — Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m); Santa Catarina (Santa Cecília, Lajes); Rio Grande do Sul (Vacaria).

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: / Holótipo / 15.II-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg., / *Cymaenes campestris* Mielke, O. Mielke det. 1977, Holótipo / DZ 1511/.

Alótípa fêmea com as seguintes etiquetas: Alótípo / 15.II-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg. / *Cymaenes campestris* Mielke, O. Mielke det. 1977, Alótípo / DZ 1512/.

Parátipos: 1 macho e 4 fêmeas 15.II-1977, 2 machos e 2 fêmeas 28.III-1977 Pilão de Pedra, Morretes, PR, 850 m, Mielke leg., DZ 1513 a 1516, 1509, 1507, 1517 e BMNH (um casal de 28.III); 1 macho 27.II-1968 Campo Alto, Santa Cecília, Santa Catarina, 1200 m, Moure & Mielke leg., DZ 398; 1 macho e 3 fêmeas 22.II-1973 Campo Alto, Santa Cecília, Santa Catarina, 1200 m, Mielke leg., DZ 1518 a 1520 e 1510; 1 macho 27.II-1973 Bela Vista, Vacaria, Rio Grande do Sul, 950 m, Mielke leg., DZ 1504; 1 macho 7.II-1973

Lajes, SC, Ebert leg., HE.

O nome é devido ao habitat que frequenta.

- **Vehilius inca** (Scudder, 1872). 1 fêmea Passo Fundo.
- **Vehilius clavícula** (Plötz, 1884). 2 machos e 1 fêmea Bela Vista. 1 macho Caxias do Sul. 1 fêmea Passo Fundo.
- **Sucova sucova** (Schaus, 1902). 3 machos Cerrito.
Hesperia (?) sucova Schaus, 1902, Proc. U.S.N. Mus., 24:455; tipo macho n.º 6058, Petrópolis, Brasil, U. S. N. Mus.
Cynea fista Evans, 1955; Cat. Amer. Hesp., 4:277, pl. 72 (genitália do macho); tipo macho, Petrópolis, British Museum (Nat. Hist.). — Biezanko & Mielke, 1973, Acta Biol. Paranaense, 2: 91, **N. Syn.**

Pude examinar os tipos de **fista** e **sucova**, no British Museum (Nat. Hist.), Londres e National Museum of Natural History, Washington, respectivamente, chegando à conclusão que são sinônimos.

- **Moeris striga striga** (Geyer, 1832). 1 macho Caxias do Sul.
- **Moeris remus** (Fabricius, 1798). 2 machos Cerrito.
- **Parphorus pseuddecorus** (Hayward, 1934). 1 macho Passo Fundo. 1 macho e 2 fêmeas Candelaria. 2 machos e 1 fêmea Cerrito.
- **Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902). **N. Comb.**
Megistias miaba Schaus, 1902, Proc. U. S. N. Mus., 24:450: tipo n.º 6043, sem localidade, U. S. Nat. Mus.
Euroto potaro Williams & Bell, 1931, Trans. Amer. Ent. Soc., 57:277, pl. XXV, fig. 10; fig. 29 (genitália do macho); tipo macho e alótipo fêmea de Tumatumari, Potaro River, Br. Guiana, 28-VI-1927, Academy of Natural Sciences of Philadelphia.
N. Syn.

Ao examinar o tipo de **Megistias miaba** no National Museum of Natural History, Washington, conclui ser sinônimo de **potaro**, este identificado pela descrição e figura da genitália masculina.

2 machos Passo Fundo. 1 macho Candelaria. 4 fêmeas Cerrito.

- **Cobalopsis gisparoides** (Hayward, 1934). 1 fêmea Pelotas, 8-IV-1966, V. O. Becker leg., DZ.
- **Cobalopsis vorgia** (Schaus, 1902). 1 macho Caxias do Sul.
- **Arita mubevensis** (Bell, 1931) **N. Comb.** 1 macho Cerrito.
Cobalus mubevensis Bell, 1931, Jour. N. Y. Ent. Soc., 29:523, pl. 40, fig. 1 (genitália do macho); holótipo macho, Mubevo, Paraguai, dezembro; alótipo fêmea Massaranduba - Blumenau,

Brasil, coleção do autor.

No British Museum (Nat. Hist.) há exemplares identificados por Evans como pertencentes a este gênero e após estudar o tipo no American Museum of Natural History, N. York, só me resta confirmar esta idéia.

- **Cumbre triumvialis** (Hayward, 1938). 1 macho Candelaria.
- **Psoralis stacara** (Schaus, 1902). 1 macho Cerrito.
- **Tigasis simplex** (Bell, 1930). 1 macho Candelaria.
- **Miltomiges cinnamomea** (Herrich-Schaeffer, 1869). 1 macho Cerrito. 1 macho Candelaria.
- **Orses itea** (Swainson, 1821). 1 macho Cerrito.
- **Quinta locutia** (Hewitson, 1876). 1 macho Candelaria.
- **Penicula bryanti** (Weeks, 1906). 1 macho Santo Ângelo, 5-II-1964 (OM). 1 macho Cerrito.

- **Penicula roppai** sp. n.
Figs. 30 — 33, 37, 41, 68 — 71

Macho: Comprimento da asa anterior 15 a 16,5 mm; margem externa 10,5 a 11 mm; margem interna 10,5 a 11 mm; largura máxima 8,2 a 9,2 mm.

Coloração geral castanho médio.

Antena com amarelado em algumas escamas na face ventral da haste, principalmente na base dos artículos, nos 3/4 basais da massa terminal e na face interna do apículo; nuto de 15 artículos, como em **reducta** (Bell, 1931). Fronte, vértice, colar, patágias, base e internamente nas tégulas, partes dorsais do tórax e base do abdome levemente ocráceos, mais intensamente nas partes contíguas aos olhos, e com fracos reflexos esverdeados; em exemplares mais velhos o reflexo muito fraco. Palpos com os primeiro e segundo artículos ocráceos pela mescla de escamas amarelas e castanhas; terceiro artículo com algumas escamas amarelas na face ventral. Genas ocre-esbranquiçadas. Tórax ventralmente e coxas do primeiro par de pernas de um ocre levemente esverdeado; demais artículos das pernas ocráceos, levemente mais claros nas partes internas. Abdome, ventralmente de um ocre esbranquiçado com uma linha escura mediana.

Face dorsal da asa anterior com a metade basal da margem costal ocrácea, o restante da asa de um ocre muito fraco. Cicatriz (fig. 37) constituída de uma pequena mancha negra abaixo da veia

2 e às vezes de uma outra semelhante, porém muito menor e acima da veia 1 (verificado no exemplar do Rio Grande do Sul e em um exemplar de Joinville onde há só 4 ou 5 escamas odoríferas). Manchas semihilianas amareladas nos espaços 2 (contígua às veias 2 e 3, semiretangular, com as margens proximal convexa e distal côncava), 3 (semiquadrada, menor do que a anterior), duas diminutas nos espaços 6 e 7 (às vezes ausentes ou só a do espaço 6 presente) e mais duas superpostas na célula (a superior pode estar ausente e de tamanho intermediário entre as manchas dos espaços 3 e 6). Linha marginal pouco evidenciada. Franjas castanho acinzentadas.

Face dorsal da asa posterior com as margens costal (espaços 6-8) e externa da coloração geral, sendo o restante como a base da mesma face da asa anterior. Tufo odorífero como nas demais espécies de **Penicula**, com exceção de **bryanti** (Weeks, 1906). Mancha discal diminuta (igual à mancha apical da asa anterior) no espaço 3. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Face ventral da asa anterior com a margem costal, ápice e margem externa largamente de um ocráceo apagado; área basal anegrida; área marginal interna acinzentada com mancha difusa de um ocre acinzentado no espaço 1b. As manchas hialinas se repetem. Linha marginal escura e franjas concolores.

Face ventral da asa posterior inteiramente como o ápice da mesma face da asa anterior, algo mais clara nos espaços 1a, 1b e metade adjacente de 1c. Manchas amareladas disciais e diminutas nos espaços 1c (maior), 2, 3 e 5 (as dos espaços 2 e 5 podem estar ausentes) e mais uma semelhante no ângulo inferior e distal da célula. Linha marginal e franjas como na mesma face da asa anterior.

Genitália (figs. 30 — 33): Unco largo e levemente fendido no centro; gnato com aspecto de duas lâminas horizontais, separadas e próximas ao unco; valva compacta, a harpe ultrapassando de modo rombudo em um pouco a ampula; edéago terminando ventralmente em uma projeção mediana, dilatada e recurvada para baixa na parte distal; vesica com um cornuto triangular e uma série de espinhos terminais.

Fêmea: Comprimento da asa anterior 15,5 a 17,2 mm; margem externa 9,8 a 11,5 mm; margem interna 12 a 13 mm; largura máxima 8,5 a 9,4 mm.

Semelhante ao macho, porém maior e as asas mais arredondadas; os reflexos esverdeados são menos intensos; geralmente a massa ter-

minal totalmente amarelada na parte ventral. As manchas das asas maiores e geralmente em maior número; na face dorsal da asa anterior aparece às vezes uma mancha amarela opaca e pequena no espaço 1b e sobre a veia 1, as manchas apicais nos espaços 6 a 8, podendo faltar as duas últimas; na face dorsal da asa posterior pode haver ausência total de manchas ou a presença das discais nos espaços 2, 3 e 5 e ainda às vezes a da célula; na face ventral da asa anterior a mancha amarelada do espaço 1b torna-se grande, contígua às veias 1 e 2 de limites nítidos na parte proximal e difuso na parte distal; na face ventral da asa posterior as manchas dos espaços 2, 3 e 4 (também às vezes presente), 5 (às vezes ausente) e células brancas.

Genitália (fig. 41): Placa pós-vaginal larga, côncava na parte distal e com uma profunda reentrância na parte proximal, provida de longos pêlos nestas duas partes e com lóbulos látero-proximais voltados ventralmente; bolsa copuladora dupla, atingindo o tórax; início do ducto da bolsa com uma estrutura esclerosada muito complicada.

A fêmea é extremamente semelhante a de **Arita mubevensis** (Bell, 1931), só podendo ser distinguida com segurança pelo exame da genitália.

Discussão taxonômica: É uma espécie muito semelhante a

Penicula reducta (Bell, 1930) **N. Comb.**

Niconiades reducta Bell, 1930, Jour. N. Y. Ent. Soc., 38:455, fig. 1 (genitália do macho); holótipo macho, French Guiana, coleção do autor.

Penicula criska Evans, 1955, Cat. Amer. Hesp., 4:285, pl. 73 (genitália do macho); tipo macho, Boa Vista, Tapajós, Amazonas, A. Miles Moss, Brit. Mus. (Nat. Hist.). **N. Syn.**

Examinei o tipo de **Niconiades reducta** no American Museum of Natural History, N. York, e o de **Penicula criska** no British Museum (Nat. Hist.), Londres, respectivamente, e verifiquei serem sinônimos. Distinguindo-se pela genitália masculina, possivelmente também pela feminina, porém não possui fêmea de **reducta**, e pela distribuição geográfica, pois **reducta** ocorre na Guiana Francesa (tipo de **reducta**) e no Brasil: Espírito Santo (Baixo Guandu e Conceição da Barra, na coleção do Departamento de Zoologia), Rondônia (Porto Velho — Evans, 1955, p. 85 pensou ser Minas Gerais, porém vi o exemplar com este rótulo) e Óbidos a Iquitos, Peru, segundo Evans (loc. cit.), enquanto que **roppai** ocorre no estado do Rio de Janeiro, no leste do Paraná, leste e oeste do Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul.

Etologia: Os exemplares machos por mim coletados estavam brigando na parte da manhã (10-11 h) em clareiras ensolaradas nos caminhos dentro da mata.

Distribuição geográfica: Brasil — Rio de Janeiro (Itatiaia); Paraná (Morretes — Marumbi, 500 m); Santa Catarina (São Bento do Sul, Joinville, Seara); Rio Grande do Sul (Santo Augusto).

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: / Holótipo / Rio Vermelho, São Bento do Sul, SC, 24-I-1973, 850 m, Rank leg., / **Penicula roppai** Mielke, O. Mielke det. 1977, Holótipo / DZ 1572/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Alótipo / Joinville, Santa Catarina, Brasil, 10-200 m, 9-III-1974 Mielke & Miers leg. / **Penicula roppai** Mielke, O. Mielke det. 1977, Alótipo / DZ 1573/.

Parátipos: 1 macho 6-III-1924 Itatiaia, Rio de Janeiro, OM 11.060; 1 macho 19-II-1969 Marumbi, Morretes, PR, 500 m, S. Laroca leg., DZ 1574; 1 macho e 1 fêmea 5-VII-1969, 1 macho 14-III-1971, 1 fêmea 9-X-1972, 1 macho 26-I-1974, 1 macho 8-II-1974, 1 macho 9-III-1974 Joinville, SC, 10-200 m, Mielke & Miers leg., DZ 1574 a 1580 e BMNH (um macho de 14-III); 1 macho 20-XI-1970, 1 macho 26-II-1977, 3 machos 27-IV-1978 Joinville, SC, Mielke leg., DZ 1581, 1582 e 1675 a 1677; 2 fêmeas 24-I-1973, 1 fêmea 11-III-1973, 2 fêmeas 23-III-1974, 1 macho 6-IV-1974, 1 macho e 1 fêmea 3-VIII-1974 Rio Vermelho, S. Bento do Sul, SC, 850 m, Rank leg., DZ 1568, 1570, 1569, 1583, 1584, 1420 e 1585 e BMNH (1 fêmea de 11-III); 1 macho XII-1960, 2 machos I-1969 Nova Teutônia, Seara, SC, 350-700 m, Plaumann leg., DZ 1586 a 1588; 3 machos I-II-1972 Nova Teutônia, Seara, SC, 350-700 m, Plaumann & Mielke leg., DZ 1589, 1590 e 1164; 1 macho 24-I-1964 Santo Augusto, RGS, Roppa leg., OM 5817.

O nome é uma homenagem ao amigo, eficiente companheiro de excursões e coletor de um dos exemplares, Sr. Olmiro Roppa, do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

- **Decinea percusius** (Godman, 1900). 1 macho Arroio Tiririca, 1 macho Cerrito.
- **Conga chydæa** (Butler, 1870). 1 macho Caxias do Sul. 1 fêmea Passo Fundo.
- **Conga urqua** (Schaus, 1902). 5 machos e 6 fêmeas Bela Vista. 3 machos e 1 fêmea Arroio Tiririca. 2 machos e 2 fêmeas Vacaria.
- **Conga immaculata** (Bell, 1930). 2 machos e 1 fêmea Bela Vista.

- 1 macho e 2 fêmeas Bom Jesus.
- **Conga iheringii** (Mabille, 1891). 2 machos e 2 fêmeas Bela Vista. 1 macho Arroio Tiririca. 1 macho Bom Jesus.
 - **Conga zela** (Plötz, 1883). 1 macho Arroio Tiririca. 6 machos Bom Jesus.
 - **Ancyloxya nitedula** (Burmeister, 1879). 5 machos e 3 fêmeas Bela Vista.
 - **Copaodes jean favor** Evans, 1955. 3 machos e 4 fêmeas Bela Vista. 4 machos Arroio Tiririca. 1 macho Vacaria.
 - **Hylephila ancora** (Plötz, 1883). 1 fêmea Bom Jesus.
 - **Pompeius amblyspila** (Mabille, 1897). 1 macho Bela Vista.
 - **Euphyes cherra** Evans, 1955. 1 fêmea Colônia Medeiros.
 - **Euphyes fumata** Mielke, 1972. 1 macho Caxias do Sul.
 - **Hansa divergens hydra** Evans, 1955. 1 fêmea Cruz Alta, coll. Fr. Martin (ZS).
 - **Chalcone chalcone australis** ssp. n.
Figs. 72 — 75
Chalcone chalcone chalcone; Biezanko & Mielke, 1973, Acta Biol. Paranaense, 2:96, distr. geogr., ecol.

Quando do primeiro trabalho sobre as espécies de Hesperíidae do Rio Grande do Sul (?) não foi possível comparar estes exemplares com os da localidade típica — Petrópolis, Rio de Janeiro—. A determinação dos exemplares de **Ch. chalcone chalcone** foi por comparação com o tipo que pude examinar no National Museum of Natural History, Washington.

Os exemplares do Rio Grande do Sul se distinguem dos exemplares do Rio de Janeiro pelos seguintes caracteres:

Macho: É menor, sendo o comprimento da asa anterior de 13,3 a 14 mm; a coloração ocrácea das partes do corpo é mais amarela; na face dorsal da asa anterior as manchas amarelas muito mais intensas, maiores e indistintamente separadas pelas veias; face dorsal da asa posterior sempre com uma mancha amarela no ângulo interior e distal da célula e as manchas disciais da mesma cor nos espaços 1c-6 nítidas, maiores e finalmente separadas entre si, com exceção das manchas dos espaços 4-5, pelas veias castanhas; na face ventral da asa anterior a metade distal da célula da mesma coloração amarela escura como no ápice e na asa anterior, ao invés do olivá-

ceo destas regiões em **ch. chalcone**; as manchas, quanto ao tamanho, como na face dorsal.

Fêmea: É menor, sendo o comprimento da asa anterior de 15 mm e na face dorsal da asa posterior as manchas disciais um pouco mais nítidas; a coloração olivácea da face ventral das asas parece de um castanho amarelado (infelizmente os exemplares não estão em boas condições de coloração).

Distribuição geográfica: Brasil - Rio Grande do Sul (Santa Maria, Pelotas).

Holótipo macho com as seguintes etiquetas: / Holótipo / Pelotas, 18 Jan. 1961, R. G. do Sul-Brasil, C. M. Biezanko leg., / **Chalcone chalcone australis** Mielke, O. Mielke de 1977, Holótipo / DZ 1595/.

Alótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Alótipo / Pelotas, 11 Jan. 1961, R. G. do Sul-Brasil, C. M. Biezanko leg. / **Chalcone chalcone australis** Mielke, O. Mielke det. 1977, Holótipo / DZ 1595/;

Parátipos: 1 macho 18-I-1961, 1 macho 27-I-1961, 1 macho 15-I-1962, 1 macho 18-I-1963; 1 macho 21-I-1963, 1 macho 14-I-1965, 1 macho 1-IV-1965, 1 macho 2-IV-1965, 2 machos 3-II-1967, 1 fêmea 7-III-1967, 1 macho 24-IV-1967 Pelotas, RGS, C. Biezanko leg., DZ 1597 a 1601, 944, 1602 a 1605 e BMNH (1 macho de 24-IV); 1 macho 7-II-1968 e 1 fêmea 14-II-1968 Pelotas, RGS, Lucia M. Biezanko leg., DZ 946 e 1606; 1 fêmea 25-II-1961, 1 macho 20-I-1963 Pelotas, RGS, C. Biezanko leg., OM 11.605 e 11.694; 1 macho 10-II-1976 Cerrito, Santa Maria, RGS, 200 m, Mielke & Buzzi leg., DZ 1563.

O nome indica a procedência sulina.

— **Lerodea erythrosticta** (Prittwitz, 1868)

Pirgus erythrostictus Prittwitz, 1868, Stett. ent. Ztg., 29: 186, fig. 1, macho, Corcovado.

Lerodea tesera Schaus, 1902, Proc. U.S.N. Mus., 24:448, macho, Rio de Janeiro (**sic**); Type n.º 6.035, U.S. Nat. Mus.; **N. Syn.** **Vidius tesera**; Biezanko & Mielke, 1973, Acta Biol. Paranaense, 2:81, distr. geogr.

Examinei o tipo de **tesera** e constatei ser igual a **erythrosticta**.

— **Panoquina sylvicola** (Herrich-Schaeffer, 1865). 1 macho Candalaria.

— **Panoquina panoquinoides albistriga** ssp. n.
Figs. 42, 76 — 77

Fêmea: Comprimento da asa anterior 14 mm; margem externa

9,2 mm; margem interna 10,6 mm; largura máxima 7 mm.

Coloração geral castanho claro, algo acinzentado.

Antena na face ventral de um amarelo claro na haste e 3/5 basais da massa terminal e internamente do apículo. Fronte, vértice, colar, patágias, tégulas, tórax dorsal e ventralmente e parte basal e dorsal do abdome de um ocráceo claro. Palpos faltando. Genas esbranquiçadas. Pernas protorácicas com as coxas e demais partes internamente e pernas metatorácicas de um ocráceo claro, mais intenso nas partes internas. Pernas mesotorácicas faltando. Abdome ventralmente de um ocre suave, com uma linha mediana difusa castanho escura.

Face dorsal da asa anterior com escamas escassas amarelo-ocráceas nas áreas basal e costal até as proximidades do ápice; mancha esbranquiçada e difusa no quarto inferior do espaço 1b e sobre a veia 1; manchas hialinas brancas nos espaços 2 (aproximadamente quadrada com a margem externa levemente côncava e situada sob a bifurcação do cúbito com a veia 2) e 3 (triangular, quase atingindo a base do espaço). Linha marginal pouco evidenciada e franjas castanho-acinzentadas claras e esbranquiçadas no espaço 1b.

Face dorsal da asa posterior com as áreas basal e central providas de longas escamas de um amarelo-ocráceo, com exceção das margens costal e anal; manchas disciais brancas nos espaços 2 e 3, ambas quase atingindo a base dos espaços. Linha marginal e franjas inteiramente como no espaço 1b da mesma face da face anterior.

Face ventral da asa anterior com o terço basal da costa de um ocre-amarelado claro e o ápice e margem externa largamente de um ocre-acinzentado; áreas costal, basal e marginal interna castanhas, levemente anegradadas; manchas disciais como na face dorsal e a mancha do espaço 1b maior, difusa, atingindo o terço inferior; veias pouco mais claras na região marginal externa. Linha marginal externa mais escura e franjas concolores, com exceção do espaço 1b iguais à face dorsal.

Face ventral da asa posterior como o ápice da mesma face da asa anterior, com exceção dos espaços 1b e 1/4 adjacente de 1c algo mais escuros; veias mais claras e as manchas brancas da face dorsal se repetem, porém maiores e alcançando a base dos espaços 2 e 3 e estas juntamente com o cúbito largamente de um ocre-esbranquiçado formam uma linha até a base. Linha marginal e franjas como no espaço 1b da mesma face da asa anterior.

Genitália (fig. 42). É igual a de fêmeas de **panoquinoides** ssp. que possui do Espírito Santo (Conceição da Barra) e Rio de Janeiro.

Discussão taxonômica: A espécie **panoquinoides** ocorre desde os USA até o Rio Grande do Sul. No Brasil é encontrada em áreas litorâneas de frequência bastante escassa. A **albistriga** difere de todas as outras subespécies pela presença de uma linha na face ventral da asa posterior entre a base e o meio dos espaços 3 e 4, formada pelo cúbito largamente de um ocre-esbranquiçado e pelas duas manchas disciais brancas nos espaços 3 e 4, estas também visíveis dorsalmente, embora menos intensas.

Distribuição geográfica: Brasil — Rio Grande do Sul (Pelotas).

Holótipo fêmea com as seguintes etiquetas: / Holótipo / 1.V-1972 Pelotas, RGS, C. Biezanko leg., / Gen. prep. Mielke 1977 / **Panoquina panoquinoides albistriga** Mielke, O. Mielke det. 1977, Holótipo / DZ 1521/.

O nome destaca a linha branca da face ventral da asa posterior.

- **Zenis jebus jebus** (Plötz, 1882). 4 machos Cerrito.
- **Thespieus castor** Hayward, 1948. 1 macho Rio Grande do Sul (ZS).
- **Thespieus ethemides** (Burmeister, 1878). 1 macho Candelaria.
- **Thespieus catechra** (Plötz, 1882). 2 machos e 2 fêmeas Bela Vista. 4 machos Arroio Tiririca.
- **Thespieus xarippe xarippe** (Butler, 1870). 6 machos Cerrito.
- **Vacerra caniola caniola** (Herrich-Schaeffer, 1869). 2 machos e 1 fêmea Rio Grande do Sul (ZS).
- **Niconiades caeso** (Mabille, 1891). 1 macho Rio Grande, ex coll. Fruhstorfer (ZS).
- **Xeniades orchamus orchamus** (Cramer, 1777). 1 macho Cerrito.

CONCLUSÃO

Nesta parte referente à subfamília Hesperinae, como na parte anterior (?) sobre as subfamílias Pyrrhopyginae e Pyrginae, são apresentados, baseado em material recém coletado ou examinado em outras coleções, dados suplementares de espécies já mencionadas na primeira parte (?), isto é, de distribuição geográfica e épocas de vôo.

Devido ao estudo realizado com o material tipo em vários museus estrangeiros, três novas combinações e quatro novos sinônimos foram estabelecidos, como segue: **Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902) **N.**

Comb. pro Megistiās miaba; Arita mubevensis (Bell, 1931) **N. Comb. pro Cobalus mubevensis; Penicula reducta** (Bell, 1930) **N. Comb. pro Niconiades reducta; Cynea fista** Evans, 1955 **N. Syn. de Sucova sucova** (Schaus, 1902); **Euroto potaro** Williams & Bell, 1931 **N. Syn. de Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902); **Penicula criska** Evans, 1955 **N. Syn. de Penicula reducta** (Bell, 1930) e **Lerodea tesera** Schaus, 1902 **N. Syn. de Lerodea erythrosticta** (Prittwitz, 1868).

As seguintes espécies são registros novos para o estado: **Dardarina aspila** Mielke, 1966, **Corticea noctis** (Plötz, 1883), **Virga riparia** Mielke, 1969, **Panca subpunctuli** (Hayward, 1934), **Cymaenes cavalla** Evans, 1955, **Cobalopsis vorgia** (Schaus, 1902), **Euphyes cherra** Evans, 1955, **Euphyes fumata** Mielke, 1972, **Hansa devergens hydra** Evans, 1955, **Thespies castor** Hayward, 1948. **Dardarina gaucha** sp. n., **Vidius ochraceus** sp. n., **Vidius similis** sp. n., **Igapophilus rufus** gen. n. et sp. n., **Cymaenes campestris** sp. n., **Penicula roppai** sp. n., **Chalcone chalcone australis** ssp. n. e **Panoquina panoquinoides albistriga** ssp. n. são descritas como novas.

No trabalho anterior (2) foram mencionadas para o Rio Grande do Sul 152 espécies válidas, pois devem ser retiradas **Cynea fista** Evans, 1955 por ser sinônimo de **Sucova sucova** (Schaus, 1902), também mencionada, e **Chalcone chalcone chalcone** (Schaus, 1902) por ser descrita aqui como **chalcone australis** ssp. n.

Acrescidas das 18 aqui relacionadas pela primeira vez, chega-se a um total de 170 espécies de Hesperinae.

Como resumo registram-se atualmente para esse estado do extremo sul brasileiro 310 espécies de Hesperidae, num total de 156 gêneros, assim distribuídos: Pyrrhopyginae — 11 gêneros com 17 espécies; Pyrginae — 56 gêneros com 123 espécies; Hesperinae — 89 gêneros com 170 espécies.

RESUMO

Nesta nota são apresentados novos dados de distribuição geográfica e épocas de vôo das espécies de Hesperinae (Lepidoptera, Hesperidae) do Rio Grande do Sul. É concluído o número total de gêneros e espécies de Hesperidae deste estado, ou seja, 156 gêneros com 310 espécies, distribuídos em 11 gêneros e 17 espécies nos Pyrrhopyginae, 56 gêneros e 123 espécies nos Pyrginae e 89 gêneros e 179 espécies nos Hesperinae.

São descritos os seguintes novos taxa: **Dardarina gaucha** sp. n.

do Rio Grande do Sul (Bom Jesus — Arroio Tiririca); **Vidius ochraceus** sp. n. do Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m; Ponta Grossa — Vila Velha), Santa Catarina (Santa Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo, Lajes — Paineel, Urubici) e Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Vidius similis** sp. n. do Espírito Santo (Santa Teresa), Distrito Federal (Brasília), Minas Gerais (Conceição da Aparecida, Poços de Caldas), Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m; Curitiba, Ponta Grossa — Vila Velha, Quatro Barras, Colombo, Imbituva, Guarapuava, Palmas), Santa Catarina (São Bento do Sul, Curitiba, Santa Cecília) e Rio Grande do Sul (Bom Jesus, Pelotas). Uruguai: Paysandu; **Igapophilus rufus** gen. n. e sp. n., de Minas Gerais (Poços de Caldas), Paraná (Quatro Barras, Colombo, Curitiba, Morretes — Pilão de Pedra, 850 m), Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho e Mato Preto, Santa Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo) e Rio Grande do Sul (Bom Jesus). Uruguai. Argentina: Buenos Aires (Tandil) e Córdoba; **Cymaenes campestris** sp. n. do Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m), Santa Catarina (S. Cecília — Campo Alto) e Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Penicula roppai** sp. n. do Rio de Janeiro (Itatiaia), Paraná (Morretes — Marumbi), Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho, Joinville, Seara — Nova Teutônia) e Rio Grande do Sul (Santo Augusto); **Chalcone chalcone australis** ssp. n. do Rio Grande do Sul (Pelotas, Santa Maria); **Panoquina panoquinoides albistriga** ssp. n. do Rio Grande do Sul (Pelotas).

As seguintes são novas combinações: **Arita mubevensis** (Bell, 1931) **pro Cobalus mubevensis**, **Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902) **pro Megistias miaba** e **Penicula reducta** (Bell, 1930) **pro Niconiades reducta**.

Os seguintes são novos sinônimos: **Euroto potaro** Williams & Bell, 1931 de **Megistias miaba** Schaus, 1902, **Cynea fista** Evans, 1955 de **Hesperia** (?) **sucova** Schaus, 1902, **Penicula criska** Evans, 1955 de **Niconiades reducta** Bell, 1930 e **Lerodea tesera** Schaus, 1902 de **Pirgus erythrostictus** Prittwitz, 1868.

Um dos sítipos de **Narga vidius** Mabille, 1891, no British Museum (Nat. Hist.), é designado como Lectótipo.

SUMMARY

With the new records of Hesperinae, the total number of known Hesperidae from southernmost Brazilian State of Rio Grande do Sul reaches 310 registered species in 156 genera, distributed as follows: 17 species in 11 genera of Pyrrhopyginae, 123 species in

56 genera of Pyrginae and 170 species in 89 genera of Hesperinae.

The following taxa are described as new: **Dardarina gaucha** n. sp. from Rio Grande do Sul (Bom Jesus — Arroio Tiririca); **Vidius ochraceus** n. sp. from Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m, Ponta Grossa — Vila Velha), Santa Catarina (Santa Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo, Lajes — Painel, Urubici) and Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Vidius similis** n. sp. from Espírito Santo (Santa Teresa), Distrito Federal (Brasília), Minas Gerais (Conceição da Aparecida, Poços de Caldas), Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m, Curitiba, Ponta Grossa — Vila Velha, Quatro Barras, Colombo, Imbituva, Guarapuava, Palmas), Santa Catarina (São Bento do Sul, Curitibanos, Santa Cecília), and Rio Grande do Sul (Bom Jesus, Pelotas), Uruguai: Paysandu; **Igapophilus rufus** n. gen. and n. sp. from Minas Gerais (Poços de Caldas), Paraná (Quatro Barras, Colombo, Curitiba, Morretes — Pilão de Pedra, 850 m), Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho and Mato Preto, S. Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo) and Rio Grande do Sul (Bom Jesus). Uruguay. Argentina: Buenos Aires (Tandil) and Córdoba; **Cymaenes campestris** n. sp. from Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m), Santa Catarina (Santa Cecília — Campo Alto) and Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Penicula roppai** n. sp. from Rio de Janeiro (Itatiaia), Paraná (Morretes — Marumbi), Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho, Joinville, Seara — Nova Teutônia) and Rio Grande do Sul (Santo Augusto); **Chalcane chalcane australis** n. ssp. from Rio Grande do Sul (Pelotas, Santa Maria); **Panoquina panoquinoides albistriga** n. ssp. from Rio Grande do Sul (Pelotas).

The following are new combinations: **Arita mubevensis** (Bell, 1931) **pro Cobalus mubevensis**; **Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902) **pro Megistias miaba** and **Penicula reducta** (Bell, 1930) **pro Niconiades reducta**.

The following are new synonyms: **Euroto potaro** Williams & Bell, 1931 of **Megistias miaba** Schaus, 1902, **Cynea fista** Evans, 1955 of **Hesperia** (?) **sucova** Schaus, 1902, **Penicula criska** Evans, 1955 of **Niconiades reducta** Bell, 1930 and **Lerodea tesera** Schaus, 1902 de **Pirgus erythrostictus** Prittwitz, 1868.

One of the syntypes of **Narga vidius** Mabille, 1891, in the British Museum (Natural History) is designed as Lectotypus.

KEY WORDS: Lepidoptera, Hesperidae, Rio Grande do Sul, Taxonomy.

RÉSUMÉ

Cette publication concerne la distribution géographique et les époques de vol des espèces de Hesperinae (Lepidoptera; Hesperidae) de Rio Grande do Sul. Dans cette région il y a 156 genres et 310 espèces de Hesperidae. De ce total, 11 genres et 17 espèces sont des Pyrrhopyginae, 56 genres et 123 espèces sont des Pyrginae et 89 genres et 179 espèces sont des Hesperinae.

Les nouveaux éléments décrits sont: **Dardarina gaucha** sp. n. do Rio Grande do Sul (Bom Jesus — Arroio Tiririca); **Vidius ochraceus** sp. n. do Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m; Ponta Grossa — Vila Velha), Santa Catarina (Santa Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo, Lajes — Paineira, Urubici) et Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Vidius similis** sp. n. do Espírito Santo (Santa Teresa), Distrito Federal (Brasília), Minas Gerais (Conceição da Aparecida, Poços de Caldas), Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850 m; Curitiba, Ponta Grossa — Vila Velha; Quatro Barras, Colombo, Imbituva, Guarapuava, Palmas); Santa Catarina (São Bento do Sul, Curitiba, Santa Cecília) e Rio Grande do Sul (Bom Jesus, Pelotas). Uruguay: Paysandú; **Igapophilus rufus** gen. n. et sp. n. de Minas Gerais (Poços de Caldas), Paraná (Quatro Barras, Colombo, Curitiba, Morretes — Pilão de Pedra, 850 m); Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho et Mato Preto, Santa Cecília — Campo Alto, São Joaquim — Rio Lavatudo) et Rio Grande do Sul (Bom Jesus). Uruguay. Argentina: Buenos Aires (Tandil) et Córdoba; **Cymaenes campestris** sp. n. do Paraná (Morretes — Pilão de Pedra, 850m), S. Catarina (Santa Cecília — Campo Alto) et Rio Grande do Sul (Vacaria — Bela Vista); **Penicula roppai** sp. n. de Rio de Janeiro (Itatiaia), Paraná (Morretes — Marumbi), Santa Catarina (São Bento do Sul — Rio Vermelho; Joinville, Seara — Nova Teutônia) et Rio Grande do Sul (Santo Augusto); **Chalcone chalcone australis** ssp. n. de Rio Grande do Sul (Pelotas, Santa Maria); **Panoquina panoquinoides albistriga** ssp. n. de Rio Grande do Sul (Pelotas).

Les suivantes sont des nouvelles combinaisons: **Arita mubevensis** (Bell, 1931) **pro Cobalus mubevensis**, **Cobalopsis miaba** (Schaus, 1902) **pro Megistias miaba** et **Penicula reducta** (Bell, 1930) **pro Niconiades reducta**.

Les suivants sont des nouveaux synonymes: **Euroto potaro** Williams & Bell, 1931 de **Megistias miaba** Schaus, 1902, **Cynea fista** Evans 1955 de **Hesperia** (?) **sucova** Schaus, 1902, **Penicula criska** Evans, 1955

de *Niconiades reducta* Bell, 1930 et *Lerodea tecera* Schaus, 1902 de *Pirgus erythrostictus* Prittwitz, 1868.

Um dos syntypes de *Narga vidius* Mabille, 1891, dans le British Museum (Nat. Hyst.) est considere comme Lectotypus.

MOTS CLÉS: Lepidoptera; Hesperiidae; Rio Grande do Sul; taxonomie.

AGRADECIMENTOS

Aos Dr. R. I. Vane-Wright, Ph. Ackery, Allan Watson e T. Howarth do British Museum (Nat. Hist.), Londres, R. de Jong do Rijksmuseum van Natuurlijke Historie, Leiden, Holanda, W. Dierl da Zoologische Sammlung des bayrischen Staates, Munique, Alemanha, Frederick Rindge do American Museum of Natural History, N. York, John Burns, William Field, E. Todd, D. Duckworth e D. Davis do National Museum of Natural History, Washington, os meus mais sinceros agradecimentos por permitirem estudar os tipos de Hesperiidae destas instituições e pelo empréstimo de material; sou muito grato ao Prof. D. Cezlau M. Biezanko pela doação de parte do material ora descrito como novo e ao Prof. Jesus S. Moure pela revisão do texto.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BIEZANKO, C. M., Vi Hesperiidae da Zona Sueste do Rio Grande do Sul. *Arq. Ent.*, sér. A, Pelotas, 24 pp., 7 figs., 1963.
- 2 — BIEZANKO, C. M. & MIELKE, O. H. H., Contribuição ao estudo faunístico dos Hesperiidae americanos. IV Espécies do Rio Grande do Sul, com notas taxonômicas e descrições de espécies novas (Lepidoptera). *Acta Biol. Paranaense*, Curitiba, 2: 51 — 102, 57 figs., 1973.
- 3 — BROWN, K. S. & MIELKE, O. H. H., Lepidoptera of the Central Brazil Plateau. I. Preliminary list of Rhopalocera (continued): Lycaenidae, Pieridae, Papilionidae, Hesperiidae. *Jour. Lep. Soc.*, New Haven, 21(3): 145 — 168, 1967.
- 4 — DRAUDT, M., in SEITZ, A., *Macrolepidoptera of the World*, vol. 5, pp. 836 — 1011, 1046 — 1055, pls. 113b, 160 — 193, Hesperidae, A. Kern, Stuttgart, 1921 — 1924.
- 5 — EVANS, W. H., *A catalogue of the american Hesperiidae*, Part IV, Hesperinae, V + 499 pp., pls. 54 — 88, British Museum (Natural History), London, 1955.
- 6 — MABILLE, P., Description d'Hespérides nouvelles. *Ann. Soc. ent. Belgique*, 35, C. R., pp. LIX — LXXXVIII, 1891.
- 7 — MIELKE, O. H. H., Contribuição ao estudo faunístico dos Hesperiidae americanos. V. Nota suplementar às espécies de Pyrrhopyginae e Pyrginae do Rio Grande do Sul, Brasil (Lepidoptera). *Acta. Biol. Paranaense*, Curitiba, 8: 7-17, 18 figs.

Dardarina gaucha sp. n., genitália do macho, parátipo DZ 1470 — Fig. 1: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 2: Vista interna da valva direita; Fig. 3: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 4: Vista lateral esquerda do edeago com a juxta. *Vidius ochraceus* sp. n., genitália do macho, parátipo DZ 1471 — Fig. 5: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 6: Vista interna da valva direita; Fig. 7: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 8: Vista lateral esquerda do edeago.

Vidius similis sp. n., genália do macho, parátipo DZ 399 — Fig. 9: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 10: Vista interna da valva direita; Fig. 11: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 12: Vista lateral esquerda do edêago; Fig. 13: Vista ventral do edêago. *Vidius viduus* (Mabille), genália do macho, DZ 1565 — Fig. 14: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 15: Vista interna da valva direita; Fig. 16: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 17: Vista lateral do edêago; Fig. 18: Vista ventral do edêago.

Isapophilus rufus sp. n., parátipo macho, DZ 1478 — Fig. 19: Massa antenal com nudo. Idem, genitália masculina — Fig. 20: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 21: Vista interna da valva direita; Fig. 22: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 23: Vista lateral esquerda do edéago. Genitália da fêmea, parátipo DZ 508 — Fig. 24: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora.

Igapophilus rufus sp. n., parátipo macho, DZ — 1554 — Fig. 25: Venação alar.

Cynaenes campestris sp. n., genitália do macho, parátipo DZ 1505 — Fig. 26: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 27: Vista interna da valva direita; Fig. 28: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 29: Vista lateral esquerda do edéago. *Penicula roppai* sp. n., genitália do macho, parátipo DZ 1420 — Fig. 30: Vista lateral esquerda do nono segmento, unco e gnato; Fig. 31: Vista interna da valva direita; Fig. 32: Vista ventral do gnato e unco; Fig. 33: Vista lateral esquerda do edéago.

Dardarina gaucha sp. n., genitália da fêmea, parátipo DZ 1469 — Fig. 34: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora. Fig. 35: Vista lateral da região do óstio e início do ducto da bolsa. **Vidius ochraceus** sp. n., genitália da fêmea, parátipo DZ 1472 — Fig. 36: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora. **Penicula roppai** sp. n., parátipo OM 5817 — Fig. 37: Cicatriz.

Vidius similis sp. n., genitália da fêmea, parátipo DZ 1506 — Fig. 38: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora. **Vidius vidius** (Mabille), genitália da fêmea, DZ 1505 — Fig. 39: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora. **Cymaenes campestris** sp. n., genitália da fêmea, parátipo DZ 1510 — Fig. 40: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora.

Pentacula roppai sp. n., genitália da fêmea, parátipo DZ 1569 — Fig. 41: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora.
Panoquina panoquinoides albistriga sp. n., genitália da fêmea, holótipo — Fig. 42: Vista ventral da região do óstio com bolsa copuladora.

Figs. 43-46. *Dardarina gaucha* sp. n., holótipo macho e alótipo fêmeas, faces dorsal e ventral.

Figs. 47-50. *Vidius ochraceus* sp. n., holótipo macho e alótipo fêmeas, faces dorsal e ventral.

Figs. 51-54. *Vidius similis* sp. n., holótipo macho e alótipo fêmea, faces dorsal e ventral.

Figs. 55-58. *Vidius vidius* (Mabille), macho (DZ 1622) e fêmea (DZ 1623), faces dorsal e ventral.

Figs. 59-63. *Igapophilus rufus* gen. n. e sp. n. Figs. 59-60: holótipo macho, faces dorsal e ventral. Fig. 61: parátipo macho (DZ 1552), face dorsal. Figs. 62-63: alótipo fêmea, faces dorsal e ventral.

Figs. 64-67. *Cymaenes campestris* sp. n., holótipo macho e alótipo fêmea, faces dorsal e ventral.

68

70

69

71

Figs. 68-69. *Penicula roppai* sp. n., holótipo macho, faces dorsal e ventral.
Figs. 70-71. *Penicula roppai* sp. n., alótipo fêmea, faces dorsal e ventral.

72

73

74

75

Figs. 72-73. *Chalcane chalcane australis* ssp. n., holótipo macho, faces dorsal e ventral.
Figs. 74-75. *Chalcane chalcane australis* ssp. n., alótipo fêmea, faces dorsal e ventral.

Figs. 76-77. *Panoquina panoquinoides albistriga* ssp. n., holótipo fêmea, faces dorsal e ventral.